



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE FILOSOFIA**

DEISY VILELA SOUZA SILVA

**O PENSAR EM HANNAH ARENDT OU SOBRE A POSSIBILIDADE DE AGIR DE
MODO A EVITAR O MAL**

**CAMPINA GRANDE - PB
2021**

DEISY VILELA SOUZA SILVA

**O PENSAR EM HANNAH ARENDT OU SOBRE A POSSIBILIDADE DE AGIR DE
MODO A EVITAR O MAL**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Curso de Graduação em
Filosofia da UEPB, como requisito parcial
à obtenção do título de graduada em
Filosofia.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Maria Simone Marinho Nogueira

**CAMPINA GRANDE - PB
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586p Silva, Deisy Vilela Souza.
O pensar em Hannah Arendt ou sobre a possibilidade de agir de modo a evitar o mal [manuscrito] / Deisy Vilela Souza Silva. - 2021.
35 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2021.
"Orientação : Profa. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira, Coordenação do Curso de Filosofia - CEDUC."
1. Filosofia. 2. Pensar. 3. Agir. I. Título

21. ed. CDD 172

DEISY VILELA SOUZA SILVA

**O PENSAR EM HANNAH ARENDT OU SOBRE A POSSIBILIDADE DE AGIR DE MODO A EVITAR O
MAL**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Curso de Graduação em
Filosofia da UEPB, como requisito parcial
à obtenção do título de graduada em
Filosofia.

Área de concentração: Filosofia

Aprovada em: 13/10/2021.

BANCA EXAMINADORA

Maria Simone Marinho Nogueira

Prof.^a. Dr.^a. Maria Simone Marinho Nogueira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Thalles Azevedo de Araujo

Prof. Dr. Thalles

Araujo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Azevedo de

Alto

Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus pais, pela dedicação,
companheirismo e amizade, DEDICO.

Sempre considerei as ações dos homens
como as melhores intérpretes dos seus
pensamentos.

John Locke

RESUMO

Neste trabalho de conclusão de curso, TCC, intitulado *O pensar em Hannah Arendt ou sobre a possibilidade de agir de modo a evitar o mal*, tem-se como objetivo geral analisar e compreender o que Hannah Arendt escreveu acerca do estatuto do pensamento. Parte-se de uma análise mais apurada da última obra de Arendt, *A vida do espírito* (2020), em que ela volta a se debruçar fixamente sobre temas metafísicos e, conseqüentemente, filosóficos, fato que se justifica após o julgamento de Eichmann, que a fez desejar um aprofundamento maior deste tema, quando se deparou com o que ela veio a chamar de “mal banal”, resultado, segundo ela, da ausência do pensamento, da irreflexão. Para a compreensão mais ampla do conceito de pensamento serão analisadas outras obras da autora em que o pensar está presente, bem como será destacado o anseio de Arendt por unir o pensar e o agir, inspirada na vida de Sócrates, onde o pensamento passa a fazer parte do cotidiano do homem comum. Ainda serão analisados os aspectos norteadores relacionados ao conceito de natalidade e o papel da educação, para Arendt, como resposta para valorização do pensar em detrimento do conhecer. Sendo assim, a investigação será realizada por meio de uma revisão de literatura, leitura e fichamentos e análise crítica dos principais textos em que Hannah Arendt escreveu sobre o pensar, que são: *A vida do espírito* (2020), *A condição humana* (2019), *Entre o passado e o futuro* (1979), dando destaque para o texto “A crise da educação” e *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal* (1999), a fim de elucidar o conceito de natalidade e educação moral como possibilidades para o pensar, fazendo um paralelo à irreflexão. Da mesma maneira, fez-se o levantamento, leituras e fichamentos das obras de estudiosos de Arendt, onde se busca corroborar as ideias defendidas na investigação. Acredita-se que a qualificação do problema a ser abordado consiste em enfatizar a importância do pensar diante de questões que cotidianamente nos confrontam e que influenciam diretamente nos julgamentos que se realizam e conseqüentemente na ação sobre o que será feito, ou não, diante destes problemas. Em que medida este pensar exige uma ação? Como relacionar os conceitos de natalidade, amor e educação na busca de um pensar com responsabilidade ou de forma a evitar o mal?

Palavras-chave: Pensar. Agir. Hannah Arendt.

ABSTRACT

In this graduation work, TCC, entitled *The thinking in Hannah Arendt or about the possibility of acting in order to avoid evil*, the general objective is to analyze and understand what Hannah Arendt wrote about the statute of thinking. A more accurate analysis of Arendt's latest work, *The Life of the Spirit* (2020), in which she again focuses on metaphysical and, consequently, philosophical themes, a fact that is justified after the Eichmann trial, which made her want to go deeper into this theme, when she came across what she came to call "banal evil", the result, according to her, of the absence of thought, of thoughtlessness. For a broader understanding of the concept of thinking, other works by the author in which thinking is present will be analyzed, and Arendt's yearning to unite thinking and acting will be highlighted, inspired in the life of Socrates, where thinking becomes part of the everyday life of the common man. We will also analyze the guiding aspects related to the concept of birth and the role of education, for Arendt, as an answer to the valorization of thinking instead of knowing. Thus, the research will be carried out through a literature review, reading, and critical analysis of the main texts in which Hannah Arendt wrote about thinking, which are: *The Life of the Spirit* (2020), *The Human Condition* (2019), *Between Past and Future* (1979), giving emphasis to the text "The Crisis of Education" and *Eichmann in Jerusalem: an account of the banality of evil* (1999), in order to elucidate the concept of natality and moral education as possibilities for thinking, making a parallel to thoughtlessness. In the same way, the works of Arendt's scholars were surveyed, read, and annotated, in order to corroborate the ideas defended in this investigation. It is believed that the qualification of the problem to be addressed consists in emphasizing the importance of thinking about issues that confront us daily and that directly influence the judgments that are made and, consequently, the action about what will be done, or not, when facing these problems. We hope, therefore, to answer the following questions: what is the meaning of the word thinking in Hannah Arendt? How to relate the concepts of natality, love and education in the search for a thinking with responsibility or in a way to avoid evil?

Keywords: Thinking. Acting. Hannah Arendt.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	08
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	16
3 O MAIOR EXEMPLO ENTRE PENSAR E AGIR: SÓCRATES.....	22
4 CONCEITO DE NATALIDADE E O PAPEL DA EDUCAÇÃO	26
5 CONCLUSÃO	30
REFERÊNCIAS.....	32

1 INTRODUÇÃO

Por toda a vida Arendt afirmou não ser filósofa e nem ao menos pretender a tal título, e se debruçou firmemente sobre temas políticos, considerando-se, assim, uma teórica política. Isto talvez se justifique ao que ela tenha observado: o distanciamento cada vez mais evidente entre filosofia e política, algo que ela não concordava. Na última obra de sua existência, *A vida do espírito* (2020), a pensadora alemã parece se aproximar novamente dos temas metafísicos e diz que talvez não devesse ter deixado alguns assuntos “*nas mãos dos especialistas*” (2020, p. 12), aos quais ela chamou de “*pensadores profissionais*” (idem).

Para Arendt, “*toda a história da Filosofia nos diz tanto sobre os objetos do pensamento e tão pouco sobre o processo de pensar e as experiências do ego pensante [...]*” (2020, p. 81), o que a fez recuperar tal interesse especialmente após o julgamento de Eichmann, o qual deu origem a sua obra *Eichmann em Jerusalém: um retrato sobre a banalidade do mal* (1999), em que ela rompe com a tradição filosófica em diversos pontos, especialmente na radicalidade do mal em Kant, e sugere o mal como processo de irreflexão, formulando o seguinte questionamento:

Será que a natureza da atividade de pensar, o hábito de examinar, refletir sobre qualquer acontecimento, poderia condicionar as pessoas a não fazer o mal? Estará entre os atributos da atividade do pensar, em sua natureza intrínseca, a possibilidade de evitar que se faça o mal? Ou será que podemos detectar uma das expressões do mal, qual seja, o mal banal, como fruto do não-exercício do pensar? (ARENDDT, 1999, p. 146).

Diante de Eichmann, um homem que segundo Arendt era ordinariamente comum, o mal não era demoníaco, não era uma patologia ou mesmo impulsionado pelo antissemitismo, nem por orgulho ou inveja, ou ainda movido por fraqueza ou cobiça, muito menos por ódio. Como ela constata e escreve: “*o que me deixou aturdida foi que a conspícua superficialidade do agente tornava impossível retrair o mal incontestável de seus atos, em suas raízes ou motivos, em quaisquer níveis mais profundos*” (ARENDDT, 2020, p.12)¹. Era, então, um mal banal, não demoníaco nem monstruoso, baseado na irreflexão, na ausência de pensamento, tão comum na vida do homem, protegido por clichês padronizados, que dificilmente tem tempo ou mesmo vontade de “parar para pensar”.

Arendt observou que o motivo pelo qual ele executará meticulosamente sua tarefa burocrática não fora inspirado por qualquer motivação ou convicção ideológica, mas, antes pelo desejo cego de seguir a regra que lhe fora

¹ A passagem completa do texto diz o seguinte: “Aquilo com que me defrontei, entretanto, era inteiramente diferente, e, no entanto, inegavelmente factual. O que me deixou aturdida foi que a conspícua superficialidade do agente tornava impossível retrair o mal incontestável de seus atos, em suas raízes ou motivos, em quaisquer níveis mais profundos. Os atos eram monstruosos, mas o agente - ao menos aquele que estava agora em julgamento - era bastante comum, banal, e não demoníaco nem monstruoso. Nele não se encontrava sinal de firmes convicções ideológicas ou de motivações especificamente más e, a única característica notória que se podia perceber, tanto em seu comportamento anterior quanto durante o próprio julgamento e o sumário de culpa que o antecedeu, era algo de inteiramente negativo: não era estupidez, mas irreflexão” (ARENDDT, 2020, p. 12).

proposta e obedecê-la incondicionalmente, sem jamais parar para pensar sobre aquilo que estava fazendo (DUARTE, 2000b, p. 342).

Por sua vez, o texto de *A vida do espírito* (2020) também parece ser uma tentativa de Arendt de vincular pensamento e ação, vida contemplativa e vida ativa, em paralelo com o intento de unir a filosofia à política, por meio das manifestações da vida do espírito: o pensamento, a vontade e o juízo, objetos da tradição filosófica. Ela atenta para o fato de a filosofia ter se apropriado do estatuto do pensamento, como se o pensar fosse algo legado para este pequeno núcleo de pessoas que podem ter o privilégio de retirada do mundo, sem poder jamais transcendê-lo, por meio da contemplação em detrimento de todas as demais pessoas que estão imersas no campo da ação, tema recorrente nos textos: *Entre o passado e o futuro* (1979) e *A condição humana* (2019).

Hannah Arendt pensa justamente o contrário, para ela “*todas as questões metafísicas que a Filosofia elegeu como seus tópicos especiais emergem de experiências ordinárias do senso comum*” (2020, p. 61) e que, ainda que o homem tenha que se utilizar, para manutenção da própria sobrevivência, pelo meio do labor, de conhecimentos técnicos para construir bens duradouros ou utilitários para vida prática, fazendo uso de instrumentos, métodos e técnicas, esse espaço necessário de trabalho precisa estar vinculado ao espaço do pensamento e da reflexão do mundo comum construído.

A teórica política chega mesmo a afirmar que o pensamento jamais pode ser usurpado pelos “pensadores profissionais”, mas sim integrado na vida do homem comum e analisa criticamente o fato de os filósofos, tão imersos nessa tarefa de pensar, retirarem-se do mundo, sem retorno, e nada fazerem, não agirem, diante do que foi pensado. Para Arendt pensar é estar ausente; contudo, ainda que o pensamento exija um distanciamento das coisas do mundo, essa retirada deve ser provisória, e o retorno deve ser repleto de ação diante do que foi refletido.

Em consequência deste conflito da tradição que exerceu autoridade, entre pensar e agir, a pensadora alemã tenta desconstruir a ideia de incompatibilidade, almejando uma conciliação. Para tanto faz uma incursão na tradição filosófica:

[...] juntei-me claramente às fileiras daqueles que, já há algum tempo, vêm tentando desmontar a metafísica e a filosofia, com todas as suas categorias, do modo como as conhecemos, desde o seu começo, na Grécia, até hoje. Tal desmontagem só é possível se aceitarmos que o fio da tradição está rompido (2020, p. 159).

Segundo Arendt, “a distinção que Kant faz entre *Vernunft* e *Verstand*, ‘razão’ e ‘intelecto’, é crucial para nossa empreitada” (2020, p. 13), e a tentativa da autora é realmente diferenciar conhecimento de pensamento. O conhecer e o pensar são assim completamente distintos, pois, enquanto o conhecer busca a verdade e caminhos seguros, o pensar segue em busca do sentido das coisas e é um atributo da razão, mas não produz resultados sólidos. Pensar, assim, não tem um carácter prático e nada constrói segundo uma lógica utilitarista.

[...] a distinção entre as duas faculdades, razão e intelecto, coincide com a distinção entre as duas atividades espirituais completamente diferentes: pensar e conhecer; e dois interesses inteiramente distintos: o significado, no primeiro caso, e a cognição no segundo (ARENDR, 2020, p.13).

Ainda assim, é completamente equivocado crer que o pensamento seja inútil, justo o oposto disso, bem como, não há hierarquia entre pensar e conhecer, apenas são diferentes. Para Arendt, pode-se afirmar que, certamente, há consequências desastrosas e irreversíveis quando não se pensa. Ao que parece, esta sociedade da técnica, que visa objetivos concretos e rápidos, delega o estatuto do pensamento e perde de vista a relevância deste ato, o de pensar, como regulador moral.

[...] as múltiplas e incessantes ocupações da existência humana no mundo nunca encontra uma solução definitiva para os seus enigmas, mas está pronto para respostas sempre novas às perguntas a respeito do que está realmente em questão (ARENDR, 2020, p. 211).

Pensar, esta “retirada do mundo”, esta atividade aparentemente contemplativa, quieta e silenciosa, é encarada por Hannah Arendt como possibilidade para a prevenção do mal, mas não pressupõe inatividade. Diante dos movimentos totalitários, os quais ela chamou de “emergências políticas”, fatos sem precedentes e que romperam em definitivo o “fio da tradição”, o pensamento é convocado para rever a história, tentar compreender os porquês e prevenir que tais fatos aconteçam novamente. Conforme Arendt, o pensamento possui um carácter de regulação ética de conduta moral capaz de prevenir falsos valores e crenças e preparar a faculdade do juízo, o que ela considera ser a mais política e livre das atividades mentais.

A partir do julgamento de Eichmann, e ao se deparar com aquele homem, responsável pela organização da “solução final” dos judeus pelos nazistas, Arendt garante que a ausência do pensamento, a irreflexão, não diz respeito a qualquer tipo de limitação cognitiva ou ignorância, e observou que os nazistas foram capazes de dotar pessoas de grandes e inúmeros conhecimentos técnicos e práticos, de

maneira eficiente e organizada, inclusive fazendo uso de tecnologias avançadas para conseguir o que lhes era objetivado, mas foram incapazes de pensar sobre o que estavam fazendo, em busca de sentido, de significado dos seus atos sobre as suas vítimas e sobre si mesmos. Pelo menos assim se expressa: “[...] a respeito de Hitler eles tiveram ideias e em parte coisas extremamente interessantes! Muito fantásticas e interessantes e complicadas! E coisas que pairam bem acima do nível comum! Para mim isso era grotesco!” (ARENDDT, 2020, p.21).

Neste sentido, além de constatar que não pensar pode ter consequências irreparáveis e aterrorizantes, Arendt confirma que pode haver pessoas dotadas de inteligência e que simplesmente não pensam, uma vez que o conhecimento e todos os aparatos técnicos e práticos não garantem a busca pelo sentido dos acontecimentos, o pensar. Ela observa, com tristeza, o envolvimento de intelectuais, até mesmo filósofos, na “máquina” nazista, inclusive Heidegger, que fora seu professor e *affair*. Talvez esse fato, como refletem alguns, a tenha impulsionado a querer distanciar-se da Filosofia, como escreve a filósofa turca contemporânea: “Ora, sugere ela, se Heidegger “pensava”, parece que a vinculação entre pensar e agir moralmente não é nada segura, afinal ele aderiu ao nazismo” (BENHABIB, 2002, p. 192).

Para Hannah Arendt, “o pensamento é como a teia de Penélope, desfaz-se toda manhã o que terminou de fazer na noite anterior” (2020, p. 69), e a cada momento somos convocados, a partir de experiências cotidianas, a pensar sobre o que estamos fazendo, como uma resposta em busca de compreensão e sentido. Todavia, nos procedimentos em que Eichmann estava envolvido, e em toda a burocracia que o circundava, ele julgava estar fazendo somente o que lhe fora ordenado e jamais teria parado para pensar por si mesmo. E, para Arendt, ainda que não haja garantias, pensar pode ser capaz de fazer a distinção entre o bem e o mal também neste ponto crucial de “emergência política”, como reforça um dos seus estudiosos:

Nenhuma ideologia, opinião pública ou convicção pode substituir, diz ela, o *selbstdenken* (pensar pela própria cabeça) de que falava Lessing, por meio do qual o homem se abre para o pensamento, descobrindo uma maneira de se movimentar em liberdade, mesmo em tempos históricos obscuros, quando se vê privado do espaço público da palavra da ação (LAFER, 2018, p.182).

Ao mesmo tempo, para ela, o pensamento é inerente ao humano, e ainda que não seja materializado em artefatos, somos compelidos a pensar mesmo sobre

assuntos que não podemos gerar conhecimentos seguros. Pensa-se, por exemplo, em Deus, amor, bem, mal, liberdade, imortalidade, dentre outros conceitos metafísicos. De qualquer modo, há uma preocupação por parte de Arendt de aproximar o pensar e o agir e, nesta direção, ela se utiliza da figura de Sócrates, resgatando este modelo que mais representa o bom uso concomitante entre pensamento e ação:

[...] em resumo, um pensador que tenha permanecido sempre um homem entre homens, que nunca tenha evitado a praça pública e tenha sido um cidadão entre cidadãos, que não tenha feito nem reivindicado nada além do que, em sua opinião, qualquer cidadão poderia e deveria reivindicar. (ARENDR, 2012, p.23).

A partir da ideia socrática de vento do pensamento, “*os ventos são invisíveis, mas ainda assim o que eles fazem é manifesto para nós e de alguma maneira sentimos sua aproximação*” (ARENDR, 2020, p. 174), se busca uma conexão entre pensar e agir, conscientizando-se de que o mundo das aparências não deve ser menosprezado pelos filósofos e reafirmando que pensar não deveria pressupor o esquecimento do ser, tal como parte da tradição filosófica apregoa: “*tantôt je pense, tantôt je suis*”². De fato, para Arendt, o ego, o eu pensante, jamais deixa completamente o mundo das aparências, e não nega a corporeidade.

Sócrates também representa uma ideia que Arendt toma para sua argumentação, a ideia do diálogo silencioso, porém não solitário de pensar, já que se dá entre o eu e o si mesmo. Assim sendo, o eu se faz companhia. Os diálogos aporéticos socráticos, por exemplo, fonte de inspiração para Arendt, atestam que o pensamento não precisa obrigatoriamente apresentar resultados definitivos, mas sua função primordial é gerar reflexão.

Pensar seria, então, assim encara Arendt, dobrar-se sobre si mesmo, na contemplação pelo invisível e pleno em companhia. Atenta ainda para a necessidade de o eu e o si mesmo não poderem conviver consigo mesmos ao praticar o mal, diante do *daimon*, elemento pessoal de cada um, esse regulador interno da tradição grega. É como se estes dois, o eu e o si mesmo, não pudessem conviver de forma pacífica diante do mal, daí o imperativo de pensar.

Nota-se a busca por Arendt desse resgate ao berço da Filosofia, das suas origens, onde pensar não se trata de uma ciência produtiva, como afirma o filósofo de Estagira: “*de modo que, se os homens filosofaram para libertarem-se da*

² “*Ora eu penso, ora eu sou*”. Frase de Paul Valéry utilizada por Arendt (2020, p. 170).

ignorância, é evidente que buscavam conhecimento unicamente em vista do saber e não por alguma utilidade prática” (ARISTÓTELES, 2002, 982b 11-28). Retomando Aristóteles, percebe-se, ainda, que um dos pontos que foi perdido e que está relacionado à atividade de pensar é o *thaumazein*, do grego, que pode significar a capacidade de se admirar, de se espantar com as coisas presumivelmente cotidianas e banais.

A decisão de não aceitar como naturais, óbvias, e evidentes as coisas, as ideias, os fatos, as situações, os valores, os comportamentos de nossa experiência cotidiana, jamais aceitá-los sem antes havê-los interrogado e compreendido; para não darmos nossa aceitação imediata às coisas, sem maiores considerações (CHAUÍ, 2010, p. 21).

Nota-se, deste modo, que o pensar é uma atividade livre por excelência, não há padrões, nem certezas, é desinteressado e para Arendt tem a característica de ser dois-em-um, o eu e o si mesmo, e propõe uma coerência interna, uma vez que é melhor estar em discordância com o mundo, mas em acordo consigo mesmo:

Eu preferiria que minha lira ou um coro por mim dirigido desafinasse e produzisse ruído desarmônico, e (preferiria) que multidões de homens discordassem de mim do que eu, sendo um, viesse a entrar em desacordo comigo mesmo e a contradizer-me³.

Além de uma análise a respeito da tradição filosófica e do estatuto do pensamento, Arendt indica um norteador para que o pensar possa ser resgatado no senso comum, por meio da educação. Para tanto, enfatiza o conceito de natalidade que incita esperança, inspirado no conceito de amor de Agostinho, que lhe rendeu sua tese de doutorado e que é a essência da educação, e está muito além da vida biológica. Concebe, assim, o fato de existir um novo ser no mundo, nesse emaranhado de tradições históricas e realizações materiais simbólicas onde os que virão podem ser a elas apresentados e delas compartilharem, compondo (por elas) um novo ser, num velho mundo.

O mundo comum é aquilo que adentramos ao nascer e que deixamos para trás quando morremos. Transcende a duração de nossa vida tanto no passado quanto no futuro, preexistia à nossa chegada e sobreviverá à nossa breve permanência nele. É isso que temos em comum não só com aqueles que vivem conosco, mas também com aqueles que aqui estiveram antes e com aqueles que virão depois de nós (ARENDR, 2019, p. 67).

O que se espera é uma educação moral, que incite a reflexão, o pensamento, que dista da educação tal qual, em sua maioria, tem sido empregada: técnica, quantitativa e utilitária que gera uma massa de pessoas supérfluas que agem no

³ Arendt cita o diálogo entre Sócrates e Cálicles que se encontra no diálogo *Górgias* (474b, 43ab), em sua obra *Vida do Espírito* (2020, p.136).

“automático”, submersas em seus cotidianos rotineiros e que dificilmente “param para pensar”. Mesmo que Hannah Arendt acredite que seja quase impossível “ensinar a pensar”, ela crê que haja possibilidade de um ensino que direcione ao julgamento, ao discernimento entre o bem e o mal, ainda que não haja garantias ou certezas.

“A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse à renovação e a vinda dos novos e dos jovens” (ARENDR, 1979, p. 23). Para Arendt, esta educação deve ser pautada na incitação de pensar por si mesmo, sem corrimões, resgatando as heranças históricas e imateriais, a fim de inserir os recém-chegados no mundo para que possam se sentir em casa, através de um processo de acolhimento e responsabilidade por parte dos adultos.

Diante do exposto, acredita-se que a qualificação do principal problema abordado na pesquisa consistiu em enfatizar a importância do pensar diante de questões que cotidianamente nos confrontam e que influenciam diretamente nos julgamentos que se realizam e conseqüentemente na ação sobre o que será feito, ou não, diante dos fatos que nos interpelam. Este tema se mostra relevante, pois, nos tempos atuais, de relativização da verdade, ou da ideia de pós-verdades, se depara constantemente com pessoas incapazes de pensar por si mesmas, e do diálogo interno e silencioso, ou pior ainda: se depara com pessoas incapazes de dialogar com outras pessoas e, guiadas pelo senso comum, se deixam facilmente levar pela massificação de ideias extremas de determinados grupos.

Esta ausência de pensamento pode ter sérias implicações, como aconteceu com o nazismo, seus apoiadores e adeptos, o que fez a engrenagem nazista funcionar infelizmente com eficácia, ou ainda com a aceitação de ideias alheias sem uma prévia reflexão que só pode ser realizada pelo pensamento. De fato, acredita-se que qualquer ação realizada sem o processo de pensar, segundo Hannah Arendt, pode ser perigoso e pode acarretar no mal, alterando o curso histórico de uma sociedade por inteiro, de forma negativa.

Acerca da metodologia aplicada nesse trabalho de conclusão de curso, em se tratando da interpretação de textos filosóficos, nossa proposta se desenvolveu por meio de pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa, efetivada por uma abordagem hermenêutico-filosófica rigorosa. A abordagem deu conta, mais especificamente, das obras de Hannah Arendt que são: *A vida do espírito* (2020), *A*

condição humana (2019), *Entre o passado e o futuro* (1979), dando destaque para o texto “A crise da educação” e *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal* (1999), e também das obras: *Responsabilidade e julgamento* (2004) e *As origens do totalitarismo* (2012), elucidando o conceito de natalidade e traçando um paralelo à irreflexão e educação moral como possibilidade para “o pensar”.

Da mesma maneira, também, dos estudos sobre a pensadora em apreço, fez-se um levantamento, por meio de leituras e fichamentos das obras de estudiosos de Arendt, como *Hannah Arendt: pensamento, persuasão e poder* (2018) de Celso Lafer e *O Pensamento à Sombra da Ruptura: política e filosofia em Hannah Arendt* (2000b) de André Duarte, para citar apenas dois exemplos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Ao fazer uma análise pormenorizada das obras de Arendt é preciso ter em vista, inclusive no que se refere ao estatuto do pensamento, que esta não é propositiva e, sendo fiel à sua própria linha de pensamento, ela mesma garante que é mais fácil dizer o que “não fazer” do que “o que fazer” com exatidão, não oferecendo praticamente nenhuma prescrição positiva. Da mesma maneira, é sabido que é vão o esforço de querer enquadrá-la em alguma corrente ideológica, e que na tentativa de fazer isso é bem comum que sejam realizadas interpretações controversas e por vezes equivocadas do que por ela foi escrito. O fato é que nossa filósofa é tão pouco prescritiva quanto muito problematizadora no sentido de que o que a motiva é compreender os fenômenos, como afirmou na entrevista Zur Person, 1964, “*para mim o essencial mesmo é compreender (...) e o importante é o processo de pensamento em si.*”, transcrita na obra *O que fica? É a língua materna que fica?* (2001).

Isto que foi acima citado se faz muito relevante no sentido de deixar evidente que não conseguiremos responder de maneira efetiva, em Arendt, por exemplo, ao questionamento: será que pensar pode evitar o mal? Entretanto, a problematização e o método fenomenológico descritivo da mesma serão nosso guia nesse processo de compreensão, a ela tão caro. André Duarte demonstra uma metodologia de compreensão do pensamento arendtiano na obra *O Pensamento à Sombra da Ruptura: política e filosofia em Hannah Arendt*, (2000b) no que ele veio a chamar de “processo de desmonte”. Neste, Arendt procura “desmontar” as categorias da filosofia ocidental, diante da ruptura do pensamento político clássico, pós duas guerras mundiais, com o fim de uma tradição e uma nova “ordem política” que surge.

A filósofa alemã começa sua obra *A vida do Espírito* (2020) afirmando que falar sobre o pensar soa muito presunçoso (p.17) e mergulha numa incursão fenomenológica a partir da experiência do julgamento de Eichmann, a qual fora convidada para participar e escrever, pela revista *The New Yorker*, em 1961. Aturdida com aquele homem que não se encaixava, segundo ela, em nenhum conceito ou explicação para o mal, pela tradição filosófica, ela escreve a obra *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal* (1999), e cria o conceito talvez mais controverso e não bem compreendido de sua vida como escritora, o de banalidade do mal, atestando que naquele homem o mal era uma

ausência, a ausência de reflexão, ele era incapaz de pensar por si mesmo, e afirma: “os atos eram monstruosos, mas o agente – ao menos aquele que estava no julgamento – era bastante comum, banal (...)” (ARENDR, 2020, p. 18).

Até então o conceito kantiano de mal radical, enquanto enraizado no ser humano, imperava na tradição filosófica, e por muito tempo foi inclusive aceito por Arendt, especialmente na obra *As origens do Totalitarismo* (2012), até ela se deparar com a figura de Eichmann. Em uma carta enviada no ano de 1963, ao amigo Gershom Scholem⁴, após a comunidade judaica ter entendido que ela teria atenuado, relativizado e até mesmo culpabilizado os judeus pelo mal acometido a eles mesmos, Hannah Arendt é bem clara ao afirmar que o mal não pode ser radical, pois não tem raízes, ao mesmo tempo em que se propaga pelo mundo todo, como um “fungo pela superfície” e que só o bem pode ser radical, pois tem profundidade. E afirma, em *Responsabilidade e Julgamento* (2004) que “o maior mal não é radical, não possui raízes, e, por não ter raízes, não tem limitações, pode chegar a extremos impensáveis e dominar o mundo todo.” (p. 159).

É importante destacar aqui que apesar de muitas leituras julgarem de forma errônea o pensamento de Arendt, ela jamais culpa as vítimas do Holocausto, judeus, tais como ela era, ainda que não praticante, mas sim tenta compreender como um sistema burocrático pôde se organizar de forma tão orquestrada, e os totalitarismos serem tão bem assimilados, ao ponto das vítimas se tornarem agentes deste processo técnico de genocídio, dessa indústria da morte. Reafirmando, a investigação problematizadora de Arendt é compreender, julgar e tomar uma atitude diante do que aconteceu, pressupondo ação, e para ela “compreender não é perdoar, mas significa (...) encarar a realidade sem preconceitos e com atenção, e resistir a ela – qualquer que seja” (ARENDR, 2012, p. 12).

Talvez o conceito de ralé, por ela cunhado, e presente na obra *As origens do Totalitarismo* (2012), vá ao encontro dessa tentativa de compreensão, da banalização do inaceitável, por meio dessa massa atomizada ressentida que se sente excluída socialmente, e fomenta o ódio na busca por pertencimento. Em suas palavras:

A ralé é fundamentalmente um grupo no qual são representados resíduos de todas as classes. É isso que torna tão fácil confundir a ralé com o povo, o qual também compreende todas as camadas sociais. Enquanto o povo,

⁴ disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/169-noticias/noticias-2015/539470-o-mal-pode-ser-extremo-nao-radical-carta-de-hannah-arendt->.

em todas as grandes revoluções, luta por um sistema realmente representativo, a ralé brada pelo “homem forte”, pelo “grande líder”. Porque a ralé odeia a sociedade da qual é excluída, e odeia o Parlamento onde não é representada. (ARENDR, 2012, p. 129).

Ainda com relação ao mal radical, enquanto que, para Kant, a liberdade era o maior bem e que quando age moralmente o homem mostra sua condição de ser livre e capaz de agir e viver em liberdade, sendo esta condição individual, consciente, mas ao mesmo tempo atrelada à razão e guiada pelos exemplos de pessoas sobre o que é o bem, o que é mal, o que é certo e o que é errado; para Arendt, o mal estava relacionado à falta de reflexão, ao pensamento, considerando algo que Kant não havia pensado: *“o homem não é apenas um ser racional, ele também pertence ao mundo dos sentidos, que o tentará a se render às suas inclinações em vez de seguir a razão ou o coração.”* (ARENDR, 2004, p.126).

Acreditamos que uma, das entre muitas, questão para Arendt era como seres dotados de inteligência e criatividade, principalmente técnica e estratégica, e astúcia burocrática, eram simplesmente inaptos na tarefa de pensar; e como encaravam seres humanos, os judeus, como supérfluos, esvaziando de significado a própria natureza humana, tornando todo o indivíduo e suas potencialidades como nulas, onde o outro é encarado com indiferença e seu sofrimento, banalizado. Por isso também distingue o pensar do conhecer, a busca do significado das coisas da cognição; estes são distintos e podem produzir resultados específicos também, o pensar não é orientado a encontrar a verdade e sim a encontrar um sentido.

Quando distingo verdade e significado, conhecimento e pensamento, e quando insisto na importância dessa distinção, não quero negar a conexão entre a busca de significado do pensamento e a busca de verdade do conhecimento. Ao formularem as irrespondíveis questões de significado, os homens se afirmam como seres que interrogam. (ARENDR, 2020, p. 80)

Ela acredita que apesar do pensamento ser uma faculdade sempre presente em todo mundo, a *“inabilidade de pensar não é uma imperfeição daqueles muitos a quem falta inteligência, mas uma possibilidade sempre presente para todos – incluindo aí cientistas, os eruditos e outros especialistas em tarefas do espírito.”* (ARENDR, 2020, p. 214). Isso talvez explique porque Heidegger tenha aderido ao nazismo, e um país tido como de “educação de qualidade” tenha vivido algo tão tenebroso e irreparável como o Holocausto.

Ter acesso à educação, ou ser inteligente e dotado de um sistema cognitivo eficiente, não é garantia sobre não cometer o mal, assim como Eichmann, por

exemplo, não era burro, palhaço talvez, como diria Hannah, que a fez rir por vezes, naquela cabine de vidro. Uma coisa é certa, ele se sentia eximido de culpa, dizia-se um cidadão de bem que obedeceu a ordens, “não responsável” e operava mentalmente por clichês, frases prontas e sentenças profundamente vazias. O mesmo tinha sérias dificuldades de linguagem, “a língua alemã o derrubava muitas vezes”, e ele era alemão.

E, para Arendt, renunciar a pensar é até mesmo um crime. De fato, se analisarmos *“na qualidade de cidadãos, nós devemos evitar que o mal seja cometido, porque está em jogo o mundo em que todos nós vivemos, (...) a comunidade como um todo é violada.”* (ARENDDT, 2020, p.204) e compara aqueles que não pensam a sonâmbulos, chegando mesmo a sugerir que *“o mundo estava dormindo profundamente quando isso aconteceu. Estou me referindo, é claro, ao que houve na Alemanha nazista (...)”* (idem, p. 200).

“Existem consequências para a coisa pública quando não se pensa (...)” (LAFER, 2018, p. 181). Seria então, para Arendt, a irreflexão como uma agência do mal, da necropolítica, e fica evidente em seus escritos que a falta de imaginação e de uma mentalidade alargada torna o sujeito “nublado” de consciência (consciência - pensar comigo mesmo, parecer comigo mesmo), em que o senso comum domina o bom senso. Para Arendt, a imaginação é *sine qua non* na relação com a memória, de acessar coisas ausentes, de lembrar; ela diz que *“nenhuma experiência produz significado ou mesmo coerência sem passar pelas operações de imaginação e pensamento.”* (idem, p. 106).

Nesta retirada proposital do mundo das aparências, e das urgências da vida cotidiana, que irrompe qualquer atividade, onde *“nunca estamos sozinhos e sempre estamos ocupados demais para pensar.”* (LAFER, 2018, p. 186), o pensamento, a memória e a imaginação “sobem ao palco”, conseguem acessar o passado e vislumbrar um possível futuro – ideia de Arendt inspirada em Santo Agostinho –, e destaca que isso se torna mais possível por meio de metáforas e poesias, linguagens visuais, gestuais e/ou orais que para ela são mais compatíveis com a realidade e melhor se ajustam à atividade de pensar do que a linguagem escrita.

Quando estou pensando não me encontro onde realmente estou; estou cercado não por objetos sensíveis, mas por imagens sensíveis para os outros. É como se eu estivesse me retirado para uma terra imaginária, a terra dos invisíveis, da qual nada poderia saber, não fosse essa faculdade que tenho de lembrar e de imaginar. (ARENDDT, 2020, p. 104)

Apesar de a tradição filosófica ocidental acreditar que o pensar configure o esquecimento do ser, a retirada do ser, o ego pensante não tem consciência dessa retirada, pois é pelo pensamento que se produz significado das experiências, e é possível revisitá-las por meio da memória e da imaginação. Ao lidar com abstrações pode-se destacar o fato de que o que foi pensado ontem pode não mais satisfazer o ego pensante de hoje, a contingência é um fato presente.

É notório evidenciar aqui também que, para nossa autora, pensamento e fala estão arraigados, nascem da mesma fonte, coexistem. Para ela: “(...) seres pensantes têm o ímpeto de falar, seres falantes têm o ímpeto de pensar.” (idem, p. 118). Logo, existe a necessidade humana de comunicar os pensamentos. Isso a levou também a indagar a operação mental de Eichmann por clichês. Possivelmente a limitação de linguagem daquele homem poderia estar vinculada com a ausência de pensamento por parte dele.

Acerca da mentalidade alargada, ou alargamento do espírito, reafirmada por Hannah Arendt a partir do conceito de Kant, ela a afirma como “(...) o *mais consciente da pluralidade humana do que qualquer outro filósofo.*” (idem, p. 116). Refere-se a imaginar outras perspectivas, outros pontos de vista, pensar tendo como ponto de partida a pluralidade humana e, ainda que seja impossível se colocar no lugar do outro, pois somos o que somos, para nossa autora, pensar é uma atividade imaginativa, sendo assim um exercício, uma tentativa de compreender o outro e seu mundo. Esse processo de transcender, da mentalidade alargada, requer instrumentos do ego pensante que vão além da inteligência e da razão humana, uma vez que pensar não é “somente” raciocinar e da “simples” busca pelo conhecimento.

Observa-se uma tentativa de Arendt em distanciar-se do embotamento da tradição filosófica ocidental, entre pensar e agir, típico na metafísica, fugindo da ideia de que pensar requer estar no “alto do Olimpo”, contemplando as coisas de fora do mundo para compreendê-las. Ela alega que o pensar tem sua origem desde o aparecimento do homem na Terra, e desmonta a ideia de que pensar é quietude, afirmando que nunca se está mais ativo do que quando se está pensando. Parafraseando Catão, político e escritor romano, escreve:

(...) nossa habilidade para pensar não está em questão; somos o que os homens sempre foram – seres pensantes. Com isso quero dizer que os homens têm uma inclinação, talvez uma necessidade, de pensar para além dos limites do conhecimento, de fazer dessa habilidade algo mais do que um instrumento para conhecer e agir. (ARENDR, 2020, p. 26)

Para Arendt, não somente os filósofos, os “pensadores profissionais”, amigos dos deuses, como diria Platão, pensam ou devem pensar, ao contrário disso, “esse monopólio não mais existe”, esses “homens como você e eu” precisam exercitar o ego pensante, em prol da sociedade como um todo, ainda que seja tão difícil ter tempo ou mesmo querer “parar para pensar”. Inclusive essa expressão idiomática é reafirmada por Arendt, ao destacar que sempre que pensamos interrompemos algo que estávamos fazendo (2020, p. 170) diante do cotidiano, e garante:

Quando todos estão deixando-se levar, impensadamente, pelo que os outros fazem e por aquilo que creem, aqueles que pensam são forçados a mostrar-se, pois a recusa em aderir se torna patente, e torna-se, portanto, um tipo de ação. (idem, p. 215)

São a esses momentos que ela chama de “emergências políticas”, tais como foram os movimentos totalitários, quando somos convocados a pensar, certamente ela estava se referindo não somente às duas grandes guerras mundiais, mas também a situações cotidianas, onde não há fórmulas ou prescrições sobre o que fazer, mas em que o pensamento vem ao auxílio:

Se, como sugeri antes, a habilidade de distinguir o certo do errado estiver relacionada com a habilidade de pensar, então deveríamos “exigir” de toda pessoa o exercício do pensamento, não importando quão erudita ou ignorante, inteligente ou estúpida essa pessoa seja. (idem, p. 25)

Arendt garante que o pensamento é pura atividade e, além de invisível, lida com invisíveis, memória/imaginação. Entretanto, mantém uma relação com a realidade, manifestando-se pela palavra, voltando para ela (a realidade), porém, “apesar de invisível, a atividade do pensar irrompe no mundo as aparências.” (LAFER, 2018, p. 177). É notável o chamamento da autora para a ação, na esfera pública, da vida ativa, que para ela é um campo político por excelência, lugar de iguais e da pluralidade. E ainda que o ego pensante esteja alheio à realidade, numa perda temporária do senso comum, o do pensar, ele retorna à mesma, e a partir disso cabe o que fazer com o que foi pensado. Daí também a importância da mentalidade alargada, o pensar sob outras perspectivas, e a partir da pluralidade, visando o todo comum a todos.

3 O MAIOR EXEMPLO ENTRE PENSAR E AGIR: SÓCRATES

Ainda sobre pensar e agir, Arendt faz um mergulho sobre a vida do seu maior exemplo, por ela escolhido, que une pensamento e ação, Sócrates:

(...) deve ser um homem que não se inclua nem entre os muitos nem entre os poucos, que não tenha nenhuma pretensão a ser um governante de homens, nem mesmo a de estar mais bem preparado para aconselhar, pela sua sabedoria superior, os que estão no poder, mas tampouco que se submeta docilmente às regras (...). Não deve ser fácil encontrar esse homem. Caso ele possa representar para nós a real atividade de pensar, então não terá deixado atrás de si nenhum corpo doutrinário. Não se terá dado ao trabalho de escrever seus pensamentos, mesmo que deles restasse algum resíduo tangível, pronto para ser registrado depois que ele tivesse acabado de pensar. (ARENDR, 2020, p. 189)

Sócrates acreditava que as virtudes, tais como o bem, por exemplo, poderiam ser ensinadas e, ao tudo indica, afirma Arendt, estava realmente cômico de que valores *“poderiam tornar os homens mais pios, justos e corajosos, (...) para que pudessem orientar sua conduta futura”* (idem, p. 193). Adepto do diálogo silencioso do eu consigo mesmo, ou o que Arendt chamou de pensamento dois-em-um, em que o eu faz companhia a si mesmo, constantemente, Sócrates, que acreditava que a atividade de pensar e examinar eram o maior bem da cidade de Atenas (idem, p.195), pareceu se encaixar perfeitamente no que Arendt queria ilustrar.

Para ela, ainda que Sócrates:

se preocupasse com a utilidade do pensamento, embora não tivesse, neste como em todos os outros assuntos, uma resposta bem definida. Podemos ter certeza de que um diálogo sobre a pergunta *“para que serve o pensamento?”* terminaria com as mesmas perplexidades que os outros diálogos.” (idem, p. 195).

Analisando os escritos de Xenofonte sobre seu mestre Sócrates, nossa autora atesta que o pensamento causa paralisia, destruindo todos os critérios e certezas estabelecidas, dissolve doutrinas e regras aceitas e, ainda, tem *“efeito atordoante, depois que a deixamos nos sentimos inseguros sobre o que parecia acima de qualquer duvida enquanto estávamos impensadamente engajados em fazer alguma coisa.”* (idem, p. 197). Diante disso, entende-se porque muita gente, mesmo dispondo de aparatos do pensamento, recusa-se a pensar. Pensar é perigoso. Arendt afirma:

O pensamento é igualmente perigoso para todos os credos e, por si mesmo, não dá origem a nenhum novo credo. Seu aspecto mais perigoso do ponto de vista do senso comum é que o que era mais significativo durante a

atividade do pensamento dissolve-se no momento em que se tenta aplicá-lo à vida de todos os dias. (idem, p. 199)

Em presença do que foi citado acima, a autora abona que o pensamento tem um efeito de deixar o ser que pensa aturdido, “repleto de embaraços”. Mas o que significa pensar, na prática, para Arendt? “*Significa que temos de tomar novas decisões cada vez que somos confrontados com alguma dificuldade.*” (idem, p. 200). Ela se utiliza de metáforas, amante destas como sempre afirmou ser, e que para ela melhor se encaixam com a atividade de pensar, tais como a do “vento do pensamento” (relacionada a Sócrates), ou a Heidegger, como “tufão de pensamento”, ou ainda, a “teia de Penélope”, em que o pensamento ganha um caráter, de certa forma, destrutivo, pois, definitivamente, não há fórmulas, ou garantias, já que o fio da tradição já foi rompido e aquelas noções que antes norteavam já não servem mais. Além disso, pensar requer um *re-pensar* constante, o pensamento sempre recomeça, e é um confronto com novas e impensadas situações que chegam a nós e com as quais se espera que demos uma resposta, a qual vai além de ser sobre “o que não fazer”, mas é moral e individual, sobre “o que fazer”.

Aproveita-se para lembrar aqui que, para Arendt, a ausência do pensamento é igualmente perigosa,

(...) e que parece tão recomendável em assuntos políticos ou morais, também apresenta riscos. Ao proteger contra os perigos da investigação, ela ensina a aderir rapidamente a tudo o que as regras de conduta possam prescrever em uma determinada época para uma determinada sociedade. (idem, p. 200)

Além do mais, uma vida sem pensamento seria totalmente sem sentido, afinal, “*pensar e estar completamente vivo são a mesma coisa*” (idem, p. 200), contudo, é totalmente possível, e costuma acontecer com notável frequência. Ainda que todos sejam capazes de pensar, muitos não o fazem; e, na verdade, é muito mais “fácil” não pensar, “*pois tudo o que se tem que fazer é nunca iniciar um diálogo isolado e sem som a que chamamos “pensar”; nunca voltar para casa e examinar as coisas.*” (ARENDR, 2020, p. 213).

Inspirada no diálogo platônico, *Górgias* (2010), e na premissa nele contida de que “é melhor sofrer o mal do que o cometer”, Arendt delineia a ideia de que estar em desacordo consigo mesmo, no diálogo silencioso que constantemente é realizado entre o eu e o si mesmo, dois-em-um, pode levar a cometer o mal, ainda que involuntariamente e, atesta: “*a triste verdade é que na maioria dos casos o mal*

é praticado por pessoas que jamais se decidiram a fazer o bem ou o mal.” (idem, p. 202). Eis um dos grandes perigos indicados por ela de não “parar para pensar” sobre o que se está fazendo.

Contradizer-se, entrar em desacordo consigo mesmo, em desarmonia com o ego pensante, tendo a si mesmo como adversário, tanto para Sócrates, quanto para Arendt, era inaceitável. Uma vez que, ao voltar para casa, longe do mundo das aparências, e estar “só”, consigo mesmo, o confronto seria inevitável. Para Arendt, a pior das solidões seria “faltar a si mesmo”, não ter nem a si como companhia; e isso acontece quando não pensamos, quando não realizamos esse diálogo pensante de mim comigo mesmo. Supostamente esse “eu mesmo” é uma espécie de amigo, que faz companhia para o eu, e pode ser determinante como regulador ético de conduta moral sobre a coisa certa a se fazer. Nota-se que:

É característico das “pessoas normalmente baixas” estarem “em discordância consigo mesmas” (*diapherontai heautois*), e dos homens maus evitar a própria companhia; sua alma se rebela contra si mesma (*stasiazei*). Que diálogo se pode ter consigo mesmo quando a alma não está em harmonia, mas em guerra consigo mesma? (ARENDR, 2020, p. 211)

Sócrates afirmava que seria possível ensinar as virtudes, ponderamos, será possível ensinar a pensar? Arendt deixa muitas brechas quanto a isso, afirma que a Alemanha se “reeducou” muito rapidamente após o Holocausto, destacando: “(...) o que veio depois poderia nos consolar, (...) o fato de ter sido tão surpreendentemente fácil “reeducar” os alemães após o colapso do Terceiro Reich, tão fácil mesmo que se poderia dizer que a reeducação foi automática”. (ARENDR, 2020, p. 200).

De fato, o Holocausto já era um ponto nuclear para se pensar a modernidade, em termos históricos, como uma espécie de bússola sobre o que não fazer, e o que pensar sobre violência e crimes históricos em massa, também em termos morais, talvez desde a ideia de direitos humanos de 1948. Depois de um grande silêncio na Europa, especialmente na Alemanha, há uma quebra geracional entre os anos de 1968/69 em que os jovens passaram a questionar a memória coletiva neste país, no movimento estudantil alemão, indagando pais e avós, as gerações que os precederam, sobre a consciência e responsabilidade dos mesmos diante do que havia ali acontecido. Essa interpelação é um bom exemplo sobre a faculdade humana de pensar, em ação; o que aconteceu precisava ser revisitado e *re-pensado*, também para que nada sequer parecido voltasse a acontecer; pensar passa a ser também, uma prevenção de danos.

Para Arendt, *“nos raros momentos em que as cartas estão postas a mesa, pode sem dúvida prevenir catástrofes, ao menos para o eu.”* (ARENDR, 2020, p. 216), esse é um dos “frutos” do pensamento. Ainda que pensar nada produza - como diria Aristóteles, é *energeia*, tem um fim em si mesmo - em termos de utilidade, e materialidade, e não tenha um resultado palpável ou tangível, pode-se perceber claramente que a ausência de pensamento pode ter consequências danosas e irrecuperáveis.

“Pensar é estar fora de ordem”, essa frase, nessas ou em palavras semelhantes, é repetida por Arendt inúmeras vezes, e ela explica o porquê do pensamento ser fora de ordem: *“a busca do significado não produz qualquer resultado final que sobreviva à atividade, que faça sentido depois que a atividade tenha chegado ao fim.”* (idem, p. 144).

4 CONCEITO DE NATALIDADE E O PAPEL DA EDUCAÇÃO

Desta forma, ainda, sobre “ensinar a pensar”, o que parece norteador é o conceito de natalidade em Arendt, inspirada nos escritos de Santo Agostinho e nas ideias do mesmo sobre *amor mundi*, pressupondo que somos plurais e nos instalamos no mundo querendo criar algo permanente e livre, bem como os aspectos educacionais que dela derivam, afinal, para ela: “a essência da educação é a natalidade, o fato de que seres nascem para o mundo” (ARENDR, 2019, p. 223), de uma ordem cíclica, afinal, a espécie humana continua.

Faz-se necessário destacar aqui a diferença entre natalidade e nascimento, sob a ótica arendtiana. Enquanto que o primeiro é uma categoria de significado político e refere-se ao fenômeno de “novos seres nascerem para o mundo”, a potencialidade do novo, onde o novo irrompe o velho, o que pode acontecer mais de uma vez em uma mesma vida, por exemplo. O segundo diz sobre o ato de quando um ser humano surge no mundo. Nascemos não só para a vida, mas para o mundo e somos nele iniciados pela educação, cuja responsabilidade é dos adultos. “*Face à criança é como se ele (o educador) fosse um representante de todos os habitantes adultos, apontando os detalhes e dizendo à criança: - Isso é o nosso mundo*” (ARENDR, 1979, p. 239).

Neste íterim, o mundo é uma peça de teatro que já está acontecendo e os recém-chegados ainda não sabem como “atuar”. Assim sendo, a educação é como uma apresentação do mundo para as novas gerações, uma espécie de iniciação na cultura, nos saberes, valores, história, afinal, as facetas do mundo. E, afirma Arendt: “*qualquer pessoa que se recuse a assumir a responsabilidade coletiva pelo mundo não deveria ter crianças, e é preciso proibi-la de tomar parte em sua educação*” (idem, p. 239). Para Arendt, as crianças quando chegam precisam ser protegidas do afã do mundo e essa é uma responsabilidade de quem aqui já está, os adultos, numa escolha de amor ao mundo; é uma proteção da vida, da exposição, dos encargos e, em paralelo a isso, o mundo também precisa ser protegido desse novo que chega, que são as crianças, no sentido de manutenção.

Aparecemos no mundo como algo completamente novo, somos únicos, singulares e irrepetíveis enquanto sujeitos, ainda que na natureza sejamos mais um elemento do ciclo que nunca para, representamos um início e um fim. Isso diz respeito também ao conceito de Arendt de pluralidade, para ela é a “*condição da*

ação humana pelo fato de sermos todos os mesmos, isto é, humanos, sem que ninguém seja exatamente igual a qualquer pessoa que tenha existido, exista, ou venha a existir." (ARENDR, 2019, p. 16). Para Agostinho, justamente pelo fato de sermos início, somos potência para iniciar algo novo, contudo, as crianças não vão começar do zero, o mundo já estava aqui antes delas virem, e irá durar após a não permanência delas, e precisa na verdade perdurar. O processo de educação também tem um caráter de conservação, do que deve ser legado para as próximas gerações, e também do mundo.

O conceito de natalidade igualmente tem a ver com esperança, sobre “fazer começos”, carregando em si a potencialidade de começar algo novo, várias vezes se for preciso, durante uma vida. É como se o humano fosse capaz de se reconstruir, por meio do pensamento e das escolhas, refazendo-se a si mesmo. É o milagre do novo.

Nossa esperança está pendente sempre do novo que cada geração aporta; precisamente por basearmos nossa esperança apenas nisso, porém, é que tudo destruímos se tentarmos controlar os novos de tal modo que nós, os velhos, possamos ditar sua aparência futura. Exatamente, em benefício daquilo que é novo e revolucionário em cada criança é que a educação precisa ser conservadora; [...] (ARENDR, 1979, p. 243).

Segundo as ideias arendtianas, principalmente presentes na obra *Entre o passado e o futuro* (1979), a educação faz parte do campo pré-político porque está “entre”. Isso se explica porque as crianças estão em processo de formação, no caminho, entendendo o que acontece, sendo introduzidas, ganhando elementos para pensar quem elas são no mundo, se constituindo enquanto sujeitos para, na vida adulta, poderem responder de maneira horizontal pelo que acontece no mundo. Ao mesmo tempo, não agem determinadamente de forma política, o que não quer dizer que as decisões educacionais, de currículo, por exemplo, não tenham significado político, porém, efetivamente as crianças não fazem política. Os adultos, assim, exercem autoridade no que se refere à responsabilidade pelo mundo e precisam conservar o legado da tradição, segundo Arendt.

Do mesmo modo, para a pensadora em apreço, a educação tem o encargo de nos colocar em constante diálogo com o passado e, ao mesmo tempo, em conversação com o presente, sendo também uma aposta na criança, visando o futuro político, ou o agir politicamente. Logo, deveria ser resposta nos momentos de crise, do grego *krísis* – que pode significar separar, julgar, distinguir, fazer escolhas, critério (na raiz etimológica da palavra); nesses momentos no qual cessam os

critérios que eram usados para obter respostas ao nosso cotidiano. Acontece que como houve uma ruptura no fio da tradição, os parâmetros deveriam ser revistos, recordando que a tradição serve como testamento, como tesouros do passado a serem resgatados, ainda que agora não sejamos mais guiados pelo passado. O problema é que estamos perdidos, não tendo mais parâmetros para julgar nem novos, nem antigos dilemas.

Essa crise, que para Arendt dá-se nos mais diversos campos da sociedade, e que ela mesma vivenciou junto a tantas rupturas na modernidade, e escreveu alguns ensaios, contidos na obra *Responsabilidade e Julgamento* (2004), tais como: crise na educação e crise na cultura, falando também sobre crise da autoridade – uma vez que os adultos não têm conseguido responder pelo mundo, e muito menos orientar as crianças que, como estrangeiros, forasteiros, nele chegam - é encarada por nossa autora como um problema somente quando respondemos a ela, crise, com preconceitos e respostas prontas que não servem mais, cristalizadas, no automático, e ausentes de pensamento e reflexão.

Desta maneira, como legar algo digno para as novas gerações, diante desse esvaziamento da autoridade, e do *phatos* do novo, da busca desenfreada pela inovação, como se tudo o que é passado fosse obsoleto, menos digno e de pior qualidade, sendo que a educação, por si só, lida e pressupõe constantemente o passado? Diante do imediatismo e da fugacidade de uma lógica utilitária e instrumental, a educação está perdida no papel de ensinar como o mundo é, e não como ele deveria ser. Esta deveria ser a transmissão de um patrimônio cultural, nesta transição entre a vida privada e a vida pública, lugar de iguais, mas se os adultos estão perdidos, são assim incapazes de ter autoridade para educar as crianças.

É imprescindível ratificar aqui também que a possibilidade do novo traz em si um tom de imprevisibilidade, repetimos, não há garantias sobre o que fazer, mas caminhos norteadores. Aparentemente, em Arendt, percebe-se que ela está ciente de que uma educação moral, que conserva a tradição, e mantém a conversação entre passado e futuro pode, no sentido de potencialidade, ensinar a pensar e agir no mundo. Esta educação precisa transpor o ensino técnico ou instrumental, pensando além do conhecimento, perpassando as virtudes, outrora faladas por Sócrates, se quiser ousar o estímulo do pensamento e o exercício de “evitar o mal”.

Inegavelmente é preciso pensar, o pensamento deve sempre “irromper” as demais atividades humanas na busca por tantas questões “irrespondíveis”:

É bem provável que os homens, se viessem a perder o apetite pelo significado que chamamos de pensamento e deixassem de formular questões irrespondíveis, perdessem não só a habilidade de produzir aquelas coisas- pensamento que chamamos obras de arte, como também a capacidade de formular todas as questões irrespondíveis sobre as quais se funda qualquer civilização. (ARENDDT, 2020, p. 81)

Retomando a Sócrates que afirma que uma vida não examinada, não pensada e refletida, não merece ser vivida, o que já valeria por si só como justificativa para estimular o pensar, da mesma forma, ela escreve:

Ao que parece, a única coisa que Sócrates tinha a dizer sobre a conexão entre o mal e a ausência de pensamento é que as pessoas que não amam a beleza, a justiça e a sabedoria são incapazes de pensar, enquanto que, reciprocamente, aqueles que amam a investigação e, assim, “fazem filosofia”, são incapazes de fazer o mal. (ARENDDT, 2020, p. 201).

É sabido também que por meio do pensamento, esse diálogo constante com nosso ego pensante, ao que tudo indica somos capazes de refletir sobre a coisa moralmente certa a se fazer, e sobre como responder, inclusive com ações, diante das situações que o cotidiano impõe, corriqueiras ou não, tais como as “emergências políticas” citadas pela nossa autora. Isso pode atingir quem está a nossa volta, e o mundo como um todo, possivelmente evitando o mal; e, se existe essa probabilidade, essa esperança, acredita-se que o mínimo a se fazer, é tentar, através de uma educação para o pensamento que seria um ato de responsabilidade, amor e reconciliação com o mundo.

5 CONCLUSÃO

É notória a atualidade das ideias arendtianas acerca do estatuto do pensamento, é uma tese que nos auto implica, e sim, nos faz refletir e pensar. Reafirmando que pensar é pura atividade, e pressupõe ação sobre o que fazer com o que foi pensado, ao contrário do conceito de vida contemplativa que por tanto tempo legou a tradição filosófica, exige inclusive que se saia da inatividade, diante do espanto (*thaumazein*), das coisas cotidianas. E, quando isso não acontece, quando não somos afetados pelo que está a nossa volta, o que é bastante comum, diante da apatia em que se vive, o mais cômodo é não pensar e aí está o fracasso ético e moral para Arendt.

Considerando o fato de que pensar gera incômodo, desconforto, e requer certo esforço, afinal é um exercício, e que temos uma série de aparatos tecnológicos disponíveis que nos convidam constantemente ao não pensamento, parece ser notável os porquês de haver tantos anestesiados, ou sonâmbulos, como diria Arendt, passivos e que não se afetam, e por vezes banalizam, aceitando como naturais as mais impensáveis barbáries. Considera-se aqui também que pensar não é tarefa fácil, inclusive porque requer uma relação íntima e pessoal consigo mesmo, o que também exige do eu uma diligência constante.

Pode-se destacar, assim, que para nossa autora, o pensar está vinculado às experiências concretas históricas e do cotidiano (1979, p.14), então afeito plenamente com a vida ativa, pressupondo ação, e não deve ser delegado aos especialistas, como ela mesma citou, já que todos podem, mesmo que isso seja aparentemente uma escolha, e devem pensar, ainda que muitos não o façam, talvez pelo empenho que isso demande, desta destreza também de considerar a pluralidade humana. Para Arendt, mais que isso, o pensamento tem um caráter preventivo para o mal e pode evitar danos coletivos, ainda que pensar não altere diretamente a realidade.

O axioma de “parar para pensar”, ou ainda o *selbstdenken* (pensar pela própria cabeça), e sem corrimões, deve ser um exercício a ser buscado, condições podem e devem ser criadas, enfatizando que devemos pensar no que estamos fazendo, (2019, p. 9) no sentido de gerar reflexão e da busca do significado das coisas, a fim de que não as aceitemos sem tê-las interrogado previamente. Pensar possui, da mesma maneira, além de características de um regulador ético de

conduta moral, o potencial de preparar para a faculdade do juízo, possivelmente a mais livre das atividades mentais, segundo Arendt.

A partir do conceito de natalidade e de *amor mundi*, Arendt delineou a tarefa da educação no sentido de responsabilidade e amor pelo mundo, e na manutenção do mesmo, por meio da recepção pelos adultos dos forasteiros que aqui chegam, as crianças. Tendo vivenciado e relatado sobre as crises nos mais diversos campos da sociedade moderna, afirma que o fio da tradição foi rompido, com grave crise da autoridade, destacando a importância do vínculo que deve se manter com a tradição e com o passado, denotando uma esperança evidente, por meio de novos começos, inerentes à capacidade humana, através do conceito de natalidade.

O fato é que não podemos assegurar, mas é possível dizer que Arendt estava aparentemente ciente de que seria possível uma educação moral que estimulasse o pensamento, ou ainda, que “ensinasse a pensar”, e que seria possível, então, “aprender a pensar”. Isto poderia evitar que novas situações limite, as ditas emergências políticas, tais como o Holocausto, viessem a acontecer novamente.

Tal educação, que é a essência da natalidade para Arendt, começa desde a chegada das crianças no mundo, onde os adultos acolhem, orientam e é uma aposta no futuro, mantendo um diálogo permanente com o passado, e com o presente. Como fazê-la não nos é dito, afinal, como já se sabe, nossa autora não é prescritiva, porém os caminhos norteadores, pautados em valores, principalmente sobre o que não fazer, nos foram dados em seus escritos e, por motivos óbvios citados neste trabalho, vale a pena a tentativa, já que somos capazes de começar algo novo e intervir no mundo que já existe.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo. 13ªed. Rio de Janeiro. Editora Forense, 2019.

ARENDT, Hannah. **A dignidade da política**: ensaios e conferências. Tradução de Helena Martins et al. Rio de Janeiro: Relume – Dumará, 1993.

ARENDT, Hannah. **A Vida do Espírito**: O pensar, o querer, o julgar. Tradução de César Augusto de Almeida, Antônio Abranches e Helena Martins. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2020.

ARENDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. Tradução de Mauro Barbosa de Almeida. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1979.

ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém**: um relato sobre a banalidade do mal. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1999.

ARENDT, Hannah. “O que fica? É a língua materna que fica?” – In: **Compreensão Política e Outros Ensaios** - Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D’Água, 2001.

ARENDT, Hannah. **As origens do totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo. São Paulo. Companhia de Bolso. 2012.

ARENDT, Hannah. **Responsabilidade e julgamento**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Trad. Giovanni Reale. São Paulo: Loyola, 2002.

BENHABIB, S. **The reluctant modernism of Hannah Arendt**. Oxford: Rowman & Littlefield Publishers, 2002.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Editora ática, 2010.

DUARTE, André. **O Pensamento à Sombra da Ruptura**: política e filosofia em Hannah Arendt. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2000b.

LAFER, Celso. **Hannah Arendt**: Pensamento, persuasão e poder. 3ª ed. São Paulo, Paz e Terra, 2018.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates**. Trad. Manuel de Oliveira Pulquério. Edições 70. Lisboa, 2009.

PLATÃO. **Górgias**. Trad. Manuel de Oliveira Pulquério. Edições 70. Lisboa, 2010.